

■ A LÍNGUA PORTUGUESA E OS TERMOS TÉCNICOS E CONCEITOS PRÓPRIOS DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

GABRIELA M. SANTOS-GOMES

Centro de Malária e Outras Doenças Tropicais, Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Em Portugal, a literatura científica existente em Língua Portuguesa é, de um modo geral, escassa (provavelmente porque carece de justificação económica tendo em conta a dimensão do público alvo), sendo a maioria das traduções disponíveis de origem brasileira. Ao longo da formação científica, que se consubstancia ao nível do ensino superior, o contacto com a literatura científica de língua inglesa torna-se obrigatório. Esta obrigatoriedade acentua-se por um lado, por estarmos inseridos na comunidade europeia e, por outro, devido à facilidade com que se recorre à Internet para aceder a artigos científicos ou de divulgação, ou para estabelecer contactos com amigos, colegas e cientistas internacionais. Ou ainda, numa fase mais diferenciada, confrontamo-nos com a necessidade de recorrer à língua inglesa para a participação em concursos para bolsas de estudo no estrangeiro, na elaboração de projectos científico-tecnológicos a submeter a concursos (nacionais e internacionais) para financiamento e na escrita de artigos para publicação em revistas internacionais da especialidade.

Deste modo, a aquisição de termos técnico-científicos ingleses encontra-se fortemente facilitada, sendo aplicados frequentemente na expressão oral do dia-a-dia, com ou sem aportuguesamento espontâneo. Se noutras línguas como a francesa, espanhola (castelhano) ou alemã existe a tradição de se proceder à tradução da generalidade dos termos, deixando um espaço reduzido à introdução de estrangeirismos, a nossa língua exhibe uma tradição, de alguns séculos, de fácil e rápida aquisição de termos estrangeiros. Esta capacidade de a língua portuguesa (que se pode considerar como um dos fenótipos marcantes do povo Português) se ampliar e auto-renovar (substituindo

temporariamente ou definitivamente termos existentes por novos) é próprio das línguas vivas (em oposição às línguas mortas). É também um indicador de juventude, já que a maturidade se associa à especialização e à resistência ao contacto e à integração de novas situações.

A tradução de termos (e conceitos) técnico-científicos ingleses para português apresenta-se como uma tarefa árdua aos estudantes, investigadores e docentes quando se propõem escrever textos científicos em Português e aos tradutores profissionais devido à ausência de glossários ¹ apropriados. Esta tarefa torna-se ainda mais penosa em áreas científicas, como por exemplo a Imunologia, onde a descoberta de novas situações (moléculas, células, processos e mecanismos) está frequentemente associada à introdução de novos termos técnicos. Um exemplo: como fazer a tradução dos receptores *toll-like*? Ou de células *natural killer*? Ou, com que relutância se aceita a tradução de *splicing* – uma única palavra fácil de compreender e simples de memorizar – por processamento de junções intrão-exão. Existem, obviamente, outras situações em que a tradução de termos mais comumente usados se encontra aceite de forma generalizada, como é o caso do interferão- γ (*interferon- γ*), do factor de necrose tumoral (*tumor necrosis factor*) e de tantos outros. Nos casos de difícil tradução, é frequente a introdução do termo inglês em textos de língua portuguesa, seguido da respectiva definição. Contudo, nem sempre é possível enveredar por esta via.

Nos casos de difícil tradução, é frequente a introdução do termo inglês em textos de língua portuguesa, seguido da respectiva definição. Contudo, nem sempre é possível enveredar por esta via

Nos textos científicos, após a apresentação inicial dos termos técnico-científicos, é comum passarem a ser utilizados e reconhecidos na forma abreviada, independentemente da sua maior ou menor complexidade. E se, em muitas situações, a tradução para português dos termos ingleses não suscita alterações à forma abreviada (p. ex. *interleukin, IL*, interleucina, IL), noutros ocorrem modificações mais ou menos acentuadas (p. ex. *transforming growth factor- β , TGF- β* ; factor de crescimento transformador- β , FCT- β ; *granulocyte-macrophage colony stimulating factor, GM-CSF*; factor de estimulação de colónias de granulócitos e macrófagos, FECGM). Nestes casos, que atitude devemos adoptar?

Temos, aparentemente duas opções, ou enveredamos pela tradução completa dos termos e das respectivas abreviaturas, ou traduzimos o termo e mantemos a abreviatura na forma original. Existem diversos termos e respectivas abreviaturas traduzidas mais recentemente que se inseriram completamente no léxico português e

¹ O Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e a empresa Tradulínguas encontram-se a desenvolver um glossário de termos de Imunologia, com a colaboração do CMDT/IHMT/UNL.

são reconhecidas e utilizadas no quotidiano dos portugueses (p. ex. VIH em vez de *HIV*, SIDA em vez de *AIDS*). Outros são indiferentemente reconhecidos e utilizados na forma inglesa e portuguesa, como é o caso do ADN ou *DNA* (ácido desoxirribonucleico) ou do ARN ou *RNA* (ácido ribonucleico). Confesso que, como professora e investigadora, sou apologista da manutenção da abreviatura original. De facto, não me parece que a utilização de abreviaturas inglesas contribua para o desvirtuamento da língua portuguesa e, para além disso, a utilização da mesma abreviatura transversalmente a diversas línguas automatiza o processo cognitivo de reconhecimento do termo e do seu significado, aumentando a eficácia ao nível da composição e da compreensão da expressão oral e escrita.

Mas também nestes aspectos da tradução é importante agir com bom senso. Os termos de cariz científico que, com o tempo ou a necessidade, se vão generalizando, isto é, que ultrapassam os limites da linguagem estritamente científica e passam a fazer parte do léxico comum têm, actualmente, tendência para sofrer um processo de tradução completo (termo e abreviatura). Contudo, com a evolução educacional e cultural ascendente da população portuguesa e a sentida necessidade de dominarmos uma segunda língua, tanto ao nível da expressão oral, como da expressão escrita, que é indiscutivelmente o Inglês, associado à facilidade do povo português em importar e incluir no léxico comum termos de outras línguas, é de prever que esta tendência possa vir a alterar-se a médio ou longo prazo.

Estas considerações não tiram relevância à sentida necessidade de rapidamente se criarem instrumentos que regularizem a tradução dos termos e dos conceitos técnico-científicos e até da respectiva abreviatura. Porém, é preciso não esquecer que a evolução dos conhecimentos científicos está intimamente associada à introdução de novos termos e conceitos, pelo que os glossários não podem ser considerados sistemas estáticos e fechados, requerendo metodologias que garantam uma eficiente e atempada actualização, de modo a acompanharem de perto as novas descobertas científicas. ■